



Corpus Absconditum

O Virtual como Variante da Ausência

Dietmar Kamper

1. O virtual é possível, aquilo que a todo momento e em toda parte também é possível de outra maneira. Consiste na despedida do corpóreo uma vez que nega as condições do tempo e do espaço renegando com isso sua própria gênese. Ao mesmo tempo, o virtual marca os limites do arbítrio humano criando uma imanência universal imaginária, uma prisão do espírito absoluto concentrado em si que de nada mais dispõe além de si próprio. Essa monstruosidade, síntese da ilustração, é ela própria inilustrável. Talvez se esconda nela o luciferiano, aquele lado na natureza humana do qual já se fala nos escritos mais antigos.

2. No encadeamento histórico dos modelos de abstração (segundo Jochen Hoerisch: ceia, dinheiro, mídia) chegou-se ao cume do poder: a abstração da imagem na qual, em lugar de coisas e seres humanos, se propagam as imagens de coisas e seres humanos. É a abstração mais eficiente por que desprende em vez de oprimir. Isso significa: telas e monitores abarrotados, ao lado de espaços vazios e mortos. Mas a supervalorização de imagens e signos leva, necessariamente, ao desprezo das coisas. A vitória triunfal sobre aquilo que é revela-se como a pior das derrotas. Fazer imagens acaba sendo uma matança dos corpos – um crime perfeito. A questão mais importante é essa: O que será feito dos cadáveres (Vilém Flusser)? A corporeidade descartada assume a qualidade torturante do refugio e do lixo que acaba sendo um estorvo permanente.





3. A realidade veio a ser substituída pela ficção. “Curso inexorável das coisas” e “curso livre de fantasia” trocaram de lugar: agora os referenciais não param mais de resvalar, de cair, de desabar, e numa pânico contra-mão todos os fantasmas assumem caráter compulsivo, causando uma estupidez indolor nas pessoas envolvidas. O desprezo do mundo leva forçosamente ao desprezo de si mesmo. Por isso, na força do virtual vem à tona uma poderosa impotência, seguida de perto da auto-eliminação. Seria esse o vazio do humano da civilização prognosticado por Günther Anders. O colosso global, uma vez libertado de lugar e tempo, de localização e temporalidade, está podre até a medula.

4. A arte é tributária dos sentidos (Rainer Maria Rilke). Ela lida com aquilo que é real uma única vez, para em seguida se tornar eternamente possível. Desde o princípio, a arte é agente daquilo que é terrestre, é testemunha e testemunho daquele deus vivo e, por isso mesmo, mortal que se chama “corpo” e que não deve ser confundido com as muitas imagens mortuárias do corpo ou com a máquina. A arte não é a execução do virtual e sim interrupção das abstrações a caminho de seu cume, especialmente da abstração das imagens. Ela destaca a sua fraqueza e burla, com sua percepção adérmica, a estupidez indolor humana, produzida social e historicamente. Em lugar da produção de imagens em concorrência com a mídia, ela se dedica à cuidadosa instalação provisória de corpos que chega a alcançar as estrelas (Maurice Merleau-Ponty). Essas, por sua vez, são definitivamente inimagináveis, de modo que não se enquadram em imagem alguma.

5. A arte acontece, portanto, no limite do delírio de poder do homem. Pela percepção do monstruoso, vira crítica específica de poder que se tornou invisível, sem exaltar, no entanto, aquilo que critica. Só assim lhe é possível descobrir debaixo de cada topo um tropo, em cada fundamento os duros efeitos de uma revirada. Por isso mesmo trata-se de um fracasso, provavelmente um fracasso virtuoso, como só acontece em situações sem





saída, ela passa pelo meio riscando-se a si mesma. Desta maneira revela como o poder é podre e como pode ser real a ficção original de uma vida perdulária que não tem medo da morte.

Berlim-Kreuzberg, Pentecostes de 1997.

